

Expectativas de adolescentes sobre a volta do ensino de música às escolas

Jessé Miquéas da Silva Souza
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
jessemiqueas@hotmail.com

Cristiane Maria Galdino de Almeida
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
cmgabr@yahoo.com.br

Resumo: O texto apresenta os resultados da pesquisa realizada na Escola de Referência em Ensino Médio Devaldo Borges, no município de Gravatá - Pernambuco, que teve como objetivo identificar as expectativas de adolescentes sobre a volta do ensino de música às escolas da Educação Básica e fornecer algumas reflexões e subsídios teóricos para o educador musical sobre possíveis caminhos para a prática musical, que vêm sendo realizada, com a volta do ensino de música nas escolas desde a implementação da Lei 11.769/08 Pretendeu, também, apontar as contribuições que o ensino musical traz para a vida cognitiva do discente, sendo a principal contribuição deste artigo o entendimento da música como um fator essencial na formação dos indivíduos.

Palavras chave: adolescentes, aulas de música, Lei 11.769/08

Introdução

Podemos perceber que a música está inserida em todas as fases da vida. Independentemente de etnia, gênero, cultura ou faixa etária, a apreciação musical é evidente no nosso cotidiano. De acordo com Bellochio e Figueiredo (2009), música é um exercício social, pois não há registros de alguma sociedade ou agrupamento humano que não a tenha usado para as funções da vida.

Porém, muitas vezes, ao começar a estudar música, muitos desistem por considerá-la algo complicado demais ou por pensar que o seu estudo é exclusivo para pessoas especiais que foram dotadas de “talentos”. Assim, expectativas anteriores muitas vezes acabam em frustrações. Com o retorno do ensino de música na educação básica, essa perspectiva precisa ser transformada, e isso deve ser motivo de preocupação e busca de todos os professores da área. Portanto, as aulas de música na escola são essenciais para a desmistificação e a quebra do pensamento de que música é para os “especiais”. Sendo assim, é importante que o professor de música tenha consciência de seu papel e saiba como planejar suas ações frente à sala de aula.

Para que haja maior clareza em relação a tudo isso, é extremamente importante refletir e planejar ações para que a educação musical não se torne apenas um elemento alegórico no currículo escolar. Devemos trabalhar para que seus valores sejam compreensíveis não só por músicos, mas pela sociedade em geral (COUTO; SANTOS, 2009, p. 122).

Nesse contexto, desenvolvemos uma pesquisa cujo objetivo geral foi reconhecer as expectativas sobre as aulas de música, de estudantes da Educação Básica, que não tiveram acesso a aulas de música nas escolas e, dessa forma, contribuir para a discussão sobre a volta da música ao contexto escolar. Assim, o presente trabalho traz alguns esclarecimentos sobre os adolescentes e sobre o seu envolvimento com a música. Apresenta, ainda, a metodologia e, ao final, são trazidas algumas reflexões realizadas a partir das entrevistas e da análise dos dados.

Referencial teórico

Durante a história da humanidade, psicólogos, filósofos, cientistas sociais e muitos estudiosos do comportamento humano determinaram conceitos e desenvolveram estudos sobre a adolescência, cujas definições “objetivam dar um significado ao termo para viabilizar a interlocução entre pensamento e o conhecimento e, também expressar ideias, socialmente determinadas que conduzem condutas da coletividade” (FARIA; LEÃO, 2007, p. 5).

Existe certa discussão sobre o termo “adolescente”, havendo pesquisadores que preferem adotar a palavra “jovem”, pois veem o termo adolescentes/adolescência como algo subvertido pelos meios de comunicação, ou seja, a mídia em geral, que pretende lhe conferir certas características. Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) falam que os conceitos de adolescência servem aos propósitos dominantes presentes na atual sociedade, oferecendo-a como produto a ser consumido, para se ingressar no mundo dos bem-sucedidos. O texto traz ainda ideias sobre o princípio desenvolvimentista, dizendo que “a adolescência surge como um objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e mesmo biologizantes” (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 4).

Apesar de todos esses conflitos sobre essa nomenclatura, decidi adotar o termo adolescente, por ser o foco deste trabalho o 9º (nono) ano do Ensino Fundamental e o 2º (segundo) ano do Ensino Médio, séries nas quais a faixa etária está entre 12 (doze) e 17

(dezessete) anos, período em que estes grupos são mais identificados como “adolescentes” do que como “jovens”.

Existem várias instituições que delimitam essa fase do ponto de vista cronológico, de acordo com Eisenstein (2005). A Organização Mundial da Saúde tem por definição que a adolescência se inicia aos 10 (dez) anos, terminando aos 19 (dezenove) anos completos. Essa, igualmente, é a faixa etária que o Ministério da Saúde (MS) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) entendem como característica dos adolescentes. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) delimita-a entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos.

A perspectiva sócio-histórica contradiz essas concepções psicológicas. Isso é defendido por Aguiar, Bock e Ozela (2001) quando afirmam que “a adolescência é um período de latência social, formado a partir da sociedade capitalista e tem sua gênese nas questões relativas à entrada do jovem no mercado de trabalho e na necessidade de uma formação técnica e profissional” (*apud* FARIA; LEÃO, 2007, p. 6). Segundo Faria e Leão (2007), a adolescência estaria na dependência da inserção do homem em cada cultura, sendo, portanto, produto singular de cada uma, na perspectiva da sociologia. Sendo assim, esse período caracteriza-se pela inclusão do adolescente no convívio social adulto, em todas as suas formas, ou seja, a socialização do sujeito e a aquisição de papéis sociais.

Essas autoras apresentam o termo em questão, visto pela perspectiva da antropologia, afirmando que pesquisas históricas e antropológicas confirmam que “os conceitos sobre a adolescência são pertinentes às diferentes épocas e às relações culturais estabelecidas entre o grupo ao qual pertence o indivíduo que deixou de ser criança” (FARIA; LEÃO, 2007, p. 7). Por sua vez, a área da saúde entende a adolescência como um período do processo de crescimento e desenvolvimento, distinguida por grandes mudanças biopsicossociais, iniciando-se com a puberdade e terminando no final da segunda década da vida. Finalmente, entendemos que a adolescência é uma etapa da vida do ser humano, essencial para a construção do sujeito individual e social, resultante de tudo que a antecedeu.

Para entender o contexto musical dos adolescentes, foco de nossa pesquisa, é necessário considerar o gosto e escolhas de repertório dessa fase. Para Green (1987 *apud* SILVA, 2006, p. 83), “o que caracteriza os gêneros musicais apreciados pelos jovens é a sua correspondência às tendências latentes e às pulsões mais vigorosas de sua idade: ascensão social, felicidade, juventude, sexualidade, sucesso afetivo ou financeiro, crítica da sociedade”.

Metodologia

Com objetivo de reconhecer as expectativas de alunos do ensino regular que não tiveram acesso a aulas de música nas escolas, optei por realizar esta pesquisa na Escola de Referência em Ensino Médio Devaldo Borges, no município de Gravatá - Pernambuco, por esta não possuir ensino de música em sua estrutura curricular.

Segundo os documentos do colégio, a escola foi fundada em 15 de setembro de 1952. Em 21 de janeiro de 1971, pelo decreto nº 2.290, foi criado o Colégio Estadual Devaldo Borges, com a finalidade de ministrar o Ensino Médio de 1º (primeiro) e 2º (segundo) ciclos. Em fevereiro de 2013, o mesmo passou a ser, também, Escola de Referência em Ensino Médio (EREM), em regime semi-integral. A escola conta com cerca de 80 profissionais entre professores e funcionários e uma média de 1.300 alunos distribuídos nos três turnos nas modalidades de Ensino Médio, Normal Médio, Fundamental séries finais, Projeto Travessia Fundamental e Médio, EJA Médio e quatro turmas de 1º ano Semi-integral.

A escolha dos entrevistados se deu pela predisposição dos alunos de cada série, citadas anteriormente, em querer participar das entrevistas. Nas perguntas realizadas, buscava-se saber: se estes alunos já estudaram ou estudavam música; como eles imaginavam uma aula de música; o que eles gostariam de aprender; como eles gostariam que fossem ministradas essas aulas de música; se eles tinham conhecimento de que música voltará a ser conteúdo obrigatório nas escolas e como eles entendiam esse retorno do ensino musical.

É necessário explicitar que, pelo fato desta pesquisa ser um estudo de caso, não tem como objetivo a generalização dos resultados obtidos, mas a compreensão do caso em questão. Consideramos, também, que o ensino de música contempla uma gama de questões e expectativas, por isso este trabalho pretende mostrar alguns aspectos da imensa “polifonia” que pode emergir ou existir em uma única sala de aula ou na escola, em sua totalidade.

Análise dos dados

Nas entrevistas, ao indagar os discentes sobre o que é aula de música, obtive as mais variadas respostas. Pude perceber que, para eles, aula de música é tocar, cantar, compor; em um sentido mais amplo, fazer atividades ligadas à “prática musical”. Essa prática musical está relacionada “com várias vivências e experiências, que foram se desenvolvendo ao longo do tempo” (SOUZA *et al.*, 2003, p. 70). Nos depoimentos dos entrevistados, ficou evidente que a

informalidade presente no processo de aprendizagem musical permite que seja possível o contato com algum instrumento por meio de familiares, conhecidos e/ou colegas que já tenham algum conhecimento musical ou que tocam. O contato dos entrevistados com a música ocorreu, também, através de instituições religiosas ou, até mesmo, do autodidatismo.

Estudar música por hobby ou cantar em instituições religiosas é uma realidade do nosso país, “a ausência de um ensino musical efetivo nas escolas brasileiras limita tanto a formação de profissionais como a de ouvidos treinados para apreciar a música, sendo também um fator que propicia a procura pelos ensinamentos oferecidos pelas igrejas através da música sacra” (VERAS, 2011, p. 1). A forma como as igrejas trabalham, mesmo sem intenção, acaba tornando-as importantes centros de iniciação musical para crianças, adolescentes e adultos. Veras (2011, p. 4) conclui “que a partir da evolução histórica do ensino de música nas igrejas e da análise feita por nós, que esse cenário constitui-se como importante centro de iniciação musical”.

Para os entrevistados, embora haja este contato informal no qual eles acabam aprendendo técnicas de canto, repertórios eruditos e instrumentos a partir da música sacra, não há um entendimento, por parte dos mesmos, de que essa prática seja aula de música.

Ao fazer a segunda pergunta da entrevista, os discentes se mostraram um pouco inseguros para responder e muitos disseram que não faziam ideia de como seria uma aula de música. Apesar da música fazer parte do cotidiano das pessoas, alguns entrevistados não tinham noção do que seria uma aula de música, provavelmente por estar a música fora dos currículos escolares.

Em relação à pergunta subsequente, os alunos mostraram-se entusiasmados em dialogar sobre o que gostariam de aprender nas aulas de música. A maior parte dos alunos gostaria de aprender a cantar, além de aprender algum instrumento, de preferência o violão, e ainda a composição. Vale salientar que os maiores interessados em aprender técnicas de canto eram, em sua maioria, do sexo feminino. Talvez essa falta de interesse dos rapazes se dê em virtude do processo de muda vocal e suas implicações.

Uma das maiores dificuldades que o professor de canto coral enfrenta em uma escola de ensino médio, onde as aulas são voltadas para adolescentes, é o problema da muda vocal. Segundo BEHLAU (2001), durante a puberdade ocorrem diversas mudanças orgânicas e nesta fase o adolescente perde o controle e a estabilidade da voz (MOTA, 2011, p. 1).

De acordo com a autora, a literatura sobre o tema é escassa e desatualizada e os profissionais da área encontram-se desprovidos de uma metodologia com enfoque na passagem da muda vocal. O processo de muda vocal ocorre nos meninos em torno de 13 a 15 anos, e nas meninas por volta dos 12 aos 14 anos. Este processo nos garotos é mais traumático, pois a extensão vocal masculina cai uma oitava, ao contrário das garotas que perdem cerca de meia oitava. Tais problemas, como a muda vocal, desafinações, entre outros, estão presentes no cotidiano escolar e devem ser vistos pelos futuros docentes como alguns aspectos a serem trabalhados com esse instrumento precioso e dinâmico que possibilita tantas formas e expressões musicais.

Quando fiz a pergunta sobre como eles gostariam que fossem as aulas de música, as repostas foram quase as mesmas da anterior: queriam aprender instrumentos; que nas aulas tivessem momentos de distração e brincadeiras; muitos não sabiam o que responder e falaram um pouco sobre repertório. Nas repostas, pude conhecer, também, um pouco das músicas que alguns discentes consomem, e entender que, embora não tenham acesso facilitado, muitos se interessam por música erudita. Chegaram a comentar, após as entrevistas, que sempre que há na cidade algum evento, como o Virtuose, eles assistem e que acham aquele tipo de música muito “chique” e interessante, embora não consigam entendê-la bem.

Para finalizar as entrevistas, perguntei aos discentes se eles sabiam que música voltaria a ser conteúdo obrigatório e o que eles pensavam sobre isso. A maioria não fazia ideia de que isso aconteceria e em suas reações mostravam incertezas de que realmente essas aulas de música venham a acontecer. Foram raros os alunos que disseram ter conhecimento desse fato e, quando mencionavam que tinham noção dessas aulas, citavam escolas particulares do município, que já estavam ministrando-as.

As respostas sobre o que eles pensam da volta do ensino de música nas escolas foram animadoras. Muitos relataram que gostariam de aprender música, mas o acesso era escasso e que viam essa volta como algo “maravilhoso, legal, bom”. “Prefiro música que algumas matérias chatas”, declarou um dos entrevistados, entre outras afirmações. Também relataram que essa seria uma aula que os tiraria do *stress* das outras disciplinas.

Considerações finais

As informações coletadas nas entrevistas sugerem que existe um interesse por parte dos discentes da EREM Devaldo Borges, nas aulas de música e que as expectativas para o começo destas aulas são inúmeras e favoráveis aos docentes da área. Cabe aos docentes aproximar os alunos da vivência musical, não apenas com teorias mas com práticas musicais, pois as entrevistas mostram que o discente anseia por este tipo de ensino voltado para a prática. O ensino de música poderá, assim, proporcionar aos alunos o domínio da linguagem musical, não apenas informal, da qual eles já têm certo conhecimento, mas também a apreciação de uma estética musical ampliada.

Aprendemos, na Educação Básica, matemática, português, história, geografia, inglês e tantas outras disciplinas que fazem parte do currículo escolar. No entanto, o ensino de música ainda está excluído desse contexto na escola pesquisada. Os alunos precisam ter um maior contato com essa disciplina e entender o quanto música é importante, tanto nos dias atuais quanto foi ao longo da história.

Este trabalho pretendeu contribuir para que o tema estudado e os resultados obtidos, embora não sejam conclusivos, integrem a discussão sobre a volta do ensino de música nas escolas da Educação Básica, tendo a consciência que se faz necessário um estudo maior sobre o mesmo.

Referências

- ARALDI, Juciane. Prática musical de DJs: um estudo sobre formação musical e tecnologia. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 3., 2010, Recife. *Anais...* Recife: 2010, p. 1-14.
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, out. 2009.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei n° 11.769*, de 18 de Agosto de 2008. Altera a Lei n° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 29 jun. 2011.
- COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v57n1/v57n1a02.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2011.
- COUTO, Ana Carolina Nunes; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. Por que vamos ensinar Música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da Educação Musical Escolar. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 110-125, jun. 2009.
- EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolesc Saude*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: 29 jun. 2011.
- FARIA, Simone Menezes de; LEÃO, Inara Barbosa. *Adolescência: um conceito de estágio de desenvolvimento psicossocial definido historicamente*. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EP04.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2011.
- MOTA, Cinara Ribeiro *et al.* Canto coral e muda vocal na educação básica: contribuições para a formação do educador musical. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: 2011, p. 1-9.
- SILVA, Helena Lopes da. Gênero, adolescência e musica: um estudo de caso um estudo de caso no espaço escolar. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 17, n. 28, p. 71-92, jan./jun. 2006.
- SOUZA, Jusamara *et al.* Práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock. *Per Musi*. Belo Horizonte, v. 7, p. 68-75, 2003.

VERAS, Gerson *et al.* A contribuição do ensino da música sacra para a educação musical no Cariri. In: ENCONTRO UNIVERSITÁRIO DA UFC NO CARIRI, 3., 2011, Juazeiro do Norte. *Anais...* Juazeiro do Norte: 2011, p. 1-4.



XII Encontro Regional Nordeste da ABEM
Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento
São Luis, 29 a 31 de outubro de 2014

